



FILOSOFIA AFRICANA DESDE SABERES ANCESTRAIS FEMININOS: BORDANDO PERSPECTIVAS DE DESCOLONIZAÇÃO DO SER-TÃO¹ QUE HÁ EM NÓS

Adilbênia Freire Machado²

Resumo: Esse artigo tem o intuito de dialogar com os saberes ancestrais femininos desde a filosofia africana com intuito de refletir acerca da descolonização do *ser-tão* que há em nós, tendo as filosofias da ancestralidade e do encantamento como fios que tecem esses diálogos formativos. Dialogamos desde saberes tecidos por mulheres negras que bordam experiências coletivas, irmanadas, ancestrais e encantadas desde com-partilhas de seus dons, suas vivências, experiências e saberes. Compreendendo nossos corpos como templos ancestrais, nos fortalecendo coletivamente, nos encantando e lutando diariamente pela descolonização do *ser-tão* desde uma relação comunitária e ancestral, delineada pela natureza e o tempo, sabendo que é fundante inter-PRETAR o cotidiano, os acontecimentos, insurgir e transformar... transfor-A-MAR! O encantamento tecido pela ancestralidade é um ato contínuo de transfor-AMAR e a filosofia africana é oriunda desse encantamento.

Palavras-Chave: Filosofia Africana; Saberes Ancestrais Femininos; Transfor-AMAR; Descolonização do *ser-tão*. Natureza e Tempo.

AFRICAN PHILOSOPHY FROM FEMALE ANCESTRAL KNOWLEDGE: EMBEDDING PERSPECTIVES OF DECOLONIZATION OF THE *SER-TÃO* THAT IS IN US

Abstract: This article aims to dialogue with female ancestral knowledge from African philosophy in order to reflect on the decolonization of the *ser-tão* that exists in us, having the philosophies of ancestry and enchantment as the threads that weave these formative dialogues. We dialogue from knowledge woven by black women who embroider collective, brotherly, ancestral and enchanted experiences from sharing their gifts, their experiences, experiences and knowledge. Understanding our bodies as ancestral temples, strengthening us collectively, enchanting us and fighting daily for the decolonization of the *ser-tão* from a community and ancestral relationship, delineated by nature and time,

¹ Conhecimento, corpos, afetos, sentidos.

² Doutora em Educação (UFC); Mestra em Educação (UFBA); Bacharela e Licenciada em Filosofia (UECE). Faz parte do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses / UFC), AAFROCEL (Academia Afrocearense de Letras), GRIÔ: cultura popular, ancestralidade africana e educação (UFBA), ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negr@s) e Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. E-mail: adilmachado@yahoo.com.br



knowing that it is fundamental to *inter-PRETAR* the daily, the events, to rise and transform ... transform-A-MAR! The enchantment woven by ancestry is a continuous act of transfor-AMAR and African philosophy comes from this enchantment.

Key-words: African philosophy; Female Ancestral Knowledge; Transfor-AMAR; Decolonization of the *ser-tão*. Nature and Time.

FILOSOFÍA AFRICANA DEL CONOCIMIENTO ANCESTRAL FEMENINO: INCRUSTANDO PERSPECTIVAS DE DESCOLONIZACIÓN DEL SER-TÃO QUE HAY EN NOSOTROS

Resumen: Este artículo tiene como objetivo dialogar con el conocimiento ancestral femenino de la filosofía africana para reflexionar sobre la descolonización del *ser-tão*, por lo que existe en nosotros, teniendo las filosofías de ascendencia y encanto como los hilos que tejen estos diálogos formativos. Dialogamos a partir del conocimiento tejido por mujeres negras que bordan experiencias colectivas, fraternales, ancestrales y encantadas, al compartir sus dones, sus experiencias, experiencias y conocimientos. Entender nuestros cuerpos como templos ancestrales, fortalecernos colectivamente, encantarnos y luchar diariamente por la descolonización del *ser-tão*, desde una comunidad y una relación ancestral, esbozada por la naturaleza y el tiempo, sabiendo que es fundamental *inter-PRETAR* lo cotidiano, los eventos, para elevarse. y transformar... transform-A-MAR! El encanto tejido por la ascendencia es un acto continuo de transformación (transfor-AMAR) e la filosofía africana proviene de este encanto.

Palabras-clave: filosofía africana; Conocimiento ancestral femenino; Transfor-AMAR; Descolonización del *ser-tão*; Naturaleza y tiempo.

PHILOSOPHIE AFRICAINE ISSUE DU SAVOIR ANCESTRAL FÉMININ: INTÉGRER DES PERSPECTIVES DE DÉCOLONISATION DU *SER-TÃO* QUI EST EN NOUS

Résumé: Cet article vise à dialoguer avec les connaissances ancestrales féminines de la philosophie africaine afin de réfléchir sur la décolonisation de l'être-donc (*ser-tão*) qui existe en nous, en ayant les philosophies de l'ascendance et de l'enchantement comme fil conducteur qui tissent ces dialogues formatifs. Nous dialoguons à partir de connaissances tissées par des femmes noires qui brodent des expériences collectives, fraternelles, ancestrales et enchantées en partageant leurs dons, leurs expériences, leurs expériences et leurs connaissances. Comprendre nos corps comme des temples ancestraux, nous fortifier collectivement, nous enchanter et nous battre quotidiennement pour la décolonisation de l'être-donc (*ser-tão*) à partir d'une relation communautaire et ancestrale, définie par la nature et le temps, sachant qu'il est fondamental *inter-PRETAR* le quotidien, les événements, de s'élever et transformer ... transform-A-MAR! L'enchantement tissé par l'ascendance est un acte continu de transfor-AMAR et la philosophie africaine vient de cet enchantement.

Mots-clés: philosophie africaine; Connaissances ancestrales féminines; Transfor-AMAR; Décolonisation de *Ser-tão*. Nature et temps.



VOZES-MULHERES³

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

SOPROS INICIAIS...

³ Esse artigo é alinhavado por poemas do livro “Poemas da recordação e outros movimentos” de Conceição Evaristo. Abrem e fecham, fecham ou abrem, não importa, eles dizem com poesia o que intento dizer no texto, assim, não explicarei o sentido deles em cada lugar onde se encontram, afinal, cada uma de nós é um poema na imensidão e cada uma de nós sentimos de um jeito. Sinta e leia do seu jeito. *Voices Mulheres*, EVARISTO, 2017, pp. 24-25.



Pensar desde as filosofias africanas em terras brasileiras é dialogar / aprender / ensinar / construir / sentir / ser desde valores culturais africanos que nos constituíram, numa perspectiva interdisciplinar e transversal, ou seja, diálogo com a própria filosofia, a literatura, a sociologia, a política, a história, a geografia, a religião, a espiritualidade, as artes, os estudos sobre as mulheres, sobre raça e classe, etc., no intuito de descolonização dos saberes, desde um corpo inteiro e de maneira plural. É uma construção plural, diversa, entretanto, percebo que há uma invisibilidade das mulheres negras na “divulgação” da filosofia africana. Poucos textos chegam a nós, raramente em português, ou seja, conhecemos poucas filósofas africanas.

Assim, proponho pensar a filosofia africana, em terras brasileiras, implicando-se com a descolonização do conhecimento e com uma perspectiva antissexista, desde os saberes ancestrais femininos que encantam o pensamento africano e de sua diáspora. Saberes tecidos, fundamentalmente, por mulheres negras que bordam suas experiências coletivas, irmanadas, ancestrais e encantadas, desde com-partilhas de seus dons, suas vivências, experiências e saberes. A filosofia de um modo geral é patriarcal, sexista, machista, a filosofia africana não foge a isso, portanto, é necessário *forçarmos a passagem*, pois, como diz Conceição Evaristo (2018, on-line, grifos meus):

as mulheres negras estão mobilizadas desde sempre, mas esse protagonismo não era apontado, não era reconhecido. Se eu conto a história, por exemplo, de minha mãe, de minha tia e de outras mulheres negras que me antecederam, você vai ver que, a partir dos seus espaços de vida, essas mulheres se posicionam e sempre se posicionaram, de uma forma ou de outra. Se você for pensar na **memória ancestral brasileira**, por exemplo no candomblé, as grandes guardiãs foram as mulheres, as grandes mães-de-santo, as grandes cuidadoras de orixás são mulheres. Então, me parece que essa **movimentação, essa atuação, essa procura de formas defensivas, de formas de resistência e também de formas de ataque, as mulheres negras construíram isso ao longo dos séculos.** E hoje esse protagonismo é reconhecido através da nossa própria imposição. De um modo geral, **o que nós conquistamos não foi porque a sociedade resolveu nos abrir a porta. Foi porque realmente forçamos a passagem.**

As mulheres negras carregam em si o encantamento das sabedorias ancestrais, compreendem a necessidade da reinvenção da vida e de encontrar novos / outros caminhos, como nos ensina Duzu-Querença quando, pela escrevivência de Conceição Evaristo, nos diz que “era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos” (EVARISTO, 2016, pp. 36-37). São mulheres guerreiras que tiveram, e continuam tendo, a “coragem de esquecer os lamentos” (LIMA, 2017, p. 23) e construir possibilidades de mundos melhores, aprender a “perder a memória da dor” (Ibid, p. 88) por meio de



linguagens diferentes, linguagens femininas, irmanadas, fundamentais para nosso fortalecimento pessoal e coletivo, comunitário, pois que somos fruto de nossa ancestralidade, de quem veio antes e da nossa comunidade, nossa subjetividade é tecida pela comunidade que se tece desde nossa subjetividade. Tessituras ancestrais de nossas mais velhas que desejam nos ajudar a “caminhar sem medo, encontrar dignidade, pisar confiante, assim como fiz com noss[a]s antepassad[a]s arrancad[a]s a força da África. [...] desacelere o passo, vai encontrar muita boniteza nessa vida, a Terra é como uma mãe, ela nos acolhe sempre” (Ibid, p. 91).

Linguagens criativas e livres, própria das pessoas que têm a terra, o chão como fonte de ser e viver, re-existir. O ser-tão que nos tece, ou seja, o conhecimento, o corpo, os afetos e os sentidos que nos tecem. Poesia da oralidade tecendo uma filosofia ancestral, cosmoencantamento. Assim, transformam cotidianamente os espaços onde pisam, de onde são, onde se fortalecem e que fortalecem. Mulheres movimento e em movimento, pois o movimento é a própria vida, é a força vital, é o axé! Movimento é o feminino tecendo a vida. Mulheres tecidas pela terra, pelos terreiros, pelo chão, pois

se ligar ao chão é também sinal de humildade, de reconhecimento do respeito que devemos aos nossos antepassados e à origem das coisas. [...] nessas culturas, tradicionalmente, eram e ainda são comuns atos como os de sentar no chão, comer no chão, deitar rente ao chão (em esteira), e tirar os sapatos para pisar o chão de espaços sagrados e/ou dignos de particular respeito. (PETIT, 2015, p. 91).

Portanto, pensar a filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos é voltar-se ao nosso chão, é aprender desde a esteira, como nos ensina Paulina Chiziane (2014, on-line) ao nos dizer que:

O defeito de muitos intelectuais africanos, hoje, é depender de matérias preparadas por outras pessoas. Durante mais de 500 anos os africanos foram ensinados a renegar-se. Quando se fala de ser negro, africano, conhecer a sua própria cultura, a pessoa salta em respeito dos dogmas que vêm com igrejas, religiões e formas de conhecimento estrangeiras, que ensinam que os africanos estão nas trevas, que o curandeirismo é coisa do diabo e que um bom cristão não deve tocar nisso. Objectivo: embranquecer as vossas mentes, obrigar-vos a curvarem-se diante deles, esvaziar os vossos bolsos, já pobres de natureza. Mas uma coisa é certa: nunca haverá uma filosofia africana, apenas a partir de um livro da Europa. A intelectualidade africana começa na esteira.

A esteira é o nosso chão de pertencimento, são as nossas experiências, nossos saberes, nossos valores, nossos sentidos. Histórias tecidas por bocas e ouvidos dóceis, ou seja, ouvidos que desejam ouvir e aprender com a ancestralidade, desde a ancestralidade,



e assim ouvir não apenas com os ouvidos, mas com os sentidos, de corpo inteiro. Memórias ancestrais tecidas pelo nosso viver. Memórias em movimento para descolonizar, transfor-Amar.

ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO: TESSITURAS DO TRANSFOR-AMAR

Em nossos corpos encontramos memórias de nossas ancestrais, nossos corpos são memórias, a *pele da cor da noite* do nosso país é sua / nossa grande força. Nosso corpo é tecido pela ancestralidade que nos permite ser / estar no mundo. Esse corpo é cultural, carregado de histórias, de filosofias e sentidos. O corpo negro é tecido pela pedagogia da ancestralidade, pois “estabelece uma ruptura provocada pela decolonialidade” (KIUSAM, 2019, on-line). Isso significa que

não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se (re) significa na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência – porque resistir às atrocidades também é sagrado –, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, dessa forma, é um corpo capaz de sobreviver às intempéries sociais (Idem).

Somos plurais, diversas, porém, um único povo. E a relação coletiva, o comunitarismo tecido pela ancestralidade é que permite o fortalecimento da nossa existência, que permite a resistência, a re-existência, pois que “resistir às atrocidades também é sagrado”, posto sermos tecidas por um “corpo-templo-resistência” (Idem). Nosso corpo é vivo, “... é aberto para o mundo e, por isso, vulnerável a ele. O sagrado não é algo exterior ao corpo imprimindo-lhe uma negatividade, não se reduz a objetos e não é alcançado pela renúncia ao corpo e às coisas do mundo. O corpo transa e entra em transe. Relaciona-se e luta”. (CARNEIRO, 2006, pp. 28/29). Existimos de corpo inteiro desde o pensamento africano, somos parte da natureza, só existimos em relação com tudo o que existe no mundo, pois, como nos ensina Vanda Machado (2010, pp. 14/15, grifos meus):



O pensamento africano se caracteriza pela ideia do corpo comprometido com os fenômenos da natureza. Nessa perspectiva, nos colocamos na relação com as energias da natureza do cosmo de modo a vivenciá-las também no próprio corpo. Exu Obará, Exu, rei do corpo, é o que anima, embeleza e revitaliza. Para cada conjunto de célula que morre por dia, Obará faz nascer outras tantas que nos mantêm a vida. É ele que mantém vivo nas pessoas o impulso para troca de afetos e o desejo de gozos para que jamais se acabe a vida na terra. E quando o ser de cada um exulta o prazer e a vida, Exu se move infinitamente sem a contagem inflexível do tempo que limitaria os movimentos do corpo. Exu é o que faz o jogo do universo e nele estão contidas as infinitas possibilidades como a aleatoriedade do movimento, a vagueza e a desorganização. Nele está contida também a turbulência que [o ser humano] vive como um refazer contínuo da ação e do pensamento.

Encanto! Movimento! Vida... refazendo continuamente a ação e o pensamento para não nos deixar cair na tentação da morte de quem somos, de nossa memória ancestral.

Sabemos que o racismo, as imagens negativizadas impostas a nós, frequentemente nos deixam “devastad[a]s pela raiva reprimida, nos sentimos exaust[a]s, desesperançad[a]s e, às vezes, simplesmente de coração partido. Essas lacunas na nossa psique são os espaços nos quais penetram a cumplicidade irrefletida, a raiva autodestrutiva, o ódio e o desespero paralisante (hooks, 2019, p. 36). Compreender nossos corpos como templos ancestrais é nos fortalecer contra o racismo e seu poder destrutivo, é compreender que o “corpo negro é criativo em sua existência espiritual” (CARNEIRO, 2006, p. 24). É encantar-se e, assim, implicar-se com o estar no mundo. Portanto, resistir é nos permitir re-existir, resistindo de formas criativas, desde uma relação comunitária e ancestral, pois, “o corpo marca e recria gestos e culturas que vêm de longe... e tem o sentido de afirmação da vida espiritual em sua espessura histórica” (Idem).

Desse modo, ao termos nossa espiritualidade entranhada em nosso viver / ser, é importante pedirmos sabedoria às nossas ancestrais para transformarmos as agressões oriundas do racismo (assim como do epistemicídio, do sexismo, do genocídio, etc.) em potência para desconstrução do *desencantamento* do mundo que nos adoce, assim como de suas armadilhas, com intuito de compreendermos que:

numa sociedade onde prevalece a supremacia d[a]s [pessoas] branc[a]s, a vida d[a]s [pessoas] negr[a]s é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negr[a]s temos sido profundamente ferid[a]s, como a gente diz, “ferid[a]s até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (HOOKS, 2006, pp. 188/189).



A descolonização dos sentidos implica na descolonização dos afetos, dos corpos e essa descolonização é perpassada pela descolonização do pensamento, descolonização epistemológica, pois o conhecimento fora usado, e continua, para nos inferiorizar, para nos desumanizar, para nos negar enquanto seres humanos e seres humanos que produzem conhecimento, cultura, seres que amam e que merecem ser amados. A desumanização, concordando com Fanon (*apud* WALSH, 2009, p. 34), é “componente central da colonização” que não resiste sem o opressor e o oprimido, tirando, assim, do oprimido a capacidade de acreditar que podemos ser amadas e podemos amar. É necessário, portanto, transfor-AMAR essa perspectiva.

O encantamento é a possibilidade dessa transformação, do transfor-AMAR, ele nos faz acreditar que “a vontade de amar tem representado um ato de resistência [...]. Mas ao fazer essa escolha, muit[a]s de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor” (hooks, 2006, p. 189). Assim, diante do desencantamento imposto é fundante confiarmos em nossas ancestrais, pedir sabedoria e cultivar o amor, encantá-lo e assim responder as “dores do mundo” de forma amorosa e isso não quer dizer que estamos *dando a outra face ao tapa*, mas que acreditamos na potência da transformação oriunda da ancestralidade e do encantamento em nosso ser-viver. TransformAÇÃO coletiva, compreendendo que “a dor e a mágoa não expressada doem em nossas almas, e está diretamente ligada ao nosso sentido geral de seca espiritual e tumulto emocional, para não mencionar as muitas doenças que experimentamos em nossas vidas” (SOMÉ *apud* ROCHA, 2014, on-line). Não podemos esquecer que essa dor não é individual, “é de todo o grupo. Experimentamos uma sensação coletiva, para que uma pessoa não tenha que suportar sozinha todo o peso do sofrimento” (Idem). Assim,

acredito que o futuro do nosso mundo depende muito da maneira como administramos nossa dor e tristeza. As expressões positivas da nossa dor são terapêuticas. No entanto, a falta de expressão da nossa dor ou sua incorreta gestão está na raiz da infelicidade geral e da depressão, algo que também provoca guerras e crimes. Há coisas que podemos fazer na sociedade para ajudar a curar. Podemos começar a aceitar nossa própria tristeza e sofrimento do outro. (Idem).

Aceitar a dor, compreendê-la nos leva à empatia, respeito por nós e por todas as pessoas, reconhecimento de nossas dores, das dores das outras pessoas, das dores coletivas, inclusive das dores que perpassam o tempo, as dores de nossas ancestrais arrancadas de suas terras, suas famílias, seus países, seus pertencimentos. Aceitar a dor é



compreender a necessidade da escuta sensível, da cura oriunda do compartilhar dores, anseios, medos, traumas... Acredito que lutar contra o racismo, o epistemicídio, o patriarcado, o sexismo, a xenofobia, é uma tarefa difícil, porém, sem amor, sem sensibilidade, sem empatia, sem escuta sensível (MACHADO, 2019), sem encantamento não é possível, assim como não será possível a destruição dessas “dores do mundo”. E tudo isso não implica ausência de conflitos, mas aprender com eles, usá-los para potencializar as existências, para desconstruir e transformar e não para destruir. TRANSFORMAR. Não venceremos o racismo, o patriarcado, etc., usando as armas coloniais, as armas patriarcais, venceremos utilizando nossas armas e capacidades de reinvenções, ressignificações, reconstruções, re-existências pautadas pela ancestralidade, pelo encantamento tecido pela força vital que nos tece, pelo templo que somos nós. A cura é comunitária! Nossa ancestral encantada Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral) nos ensina que “uma pessoa, não é só uma pessoa, aquela pessoa tem história, de ancestralidade, de tudo que vem até chegar naquela pessoa”. Somos uma comunidade inteira. Somos em comunidade. Uma comunidade ancestral:

Não sou eu, não é você, é algo que transcende a mim, a você. Eles estão aqui presente, essa minha ancestralidade que eu tenho preservada está aqui comigo. Mas, está aqui (no espaço), você não vê, eu não vejo, não toca, mas eles estão presente hoje, da mesma maneira que há séculos atrás. Eu acredito! (Idem).

Um dos maiores propósitos da Lei 10.639 / 2003, assim como das Relações Étnico-Raciais, da Filosofia Africana, Afrodiaspórica, Afrorreferenciada, é fortalecer nosso pertencimento, mostrar nossa história e nossa origem e nos dar alegria (lida como potência para a vida) de dizer quem somos e de onde viemos, pois “aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude” (CARNEIRO, 2011, p. 64). Sabemos que “uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas” (Ibid, p. 70), assim, nos é imposto “dúvidas metafísicas que assombram a racialidade no Brasil” (Ibid, p. 71).

Reconhecer nosso pertencimento negro é, também, um ato político! Encantamento Ancestral! Não é uma atitude impensada, pois o encantamento não nos permite, é uma atitude para a vida: implicação ética, estética, política, social, cultural, amorosa. Consciência racial! Estética do Bem-viver! Engajamento!

A Lei 10.639 / 2003 e o ensino para as relações étnico-raciais, tecidas pelas filosofias africanas, estão implicadas em provocar mudanças desde o re-conhecimento de



nossas origens e do encantamento por ela. O encantamento por nossa ancestralidade africana nos leva a seguirmos numa luta engajada por nosso direito à vida, à existência em sua totalidade. Desse modo, é necessário não perdermos de vista a construção da consciência política, social, cultural, amorosa, estética, filosófica, de pertencimento, também para a construção de uma sociedade democrática, onde o bem-viver marque nossas existências, nos permitindo viver plenamente nossa cidadania e assim o respeito às diferenças aparece como primordial. Portanto, compreendemos que a descolonização perpassa a escuta sensível, a percepção do todo, o cuidado a cada segundo com o que o colonizador (e o patriarcado construído por eles) e o racismo entranham em nosso modo de ser e estar no mundo.

Assim, afirma-se que reconhecer nosso pertencimento negro africano fortalece, potencializa e multiplica os sentidos de nossa existência em toda sua potência, atingindo outras pessoas, sabendo que a “luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente” (GOMES, 2018, p. 113). Por isso, é fundante existirmos em nossas pesquisas, falarmos desde nós mesmas, desde nossas experiências, fragilidades, dúvidas, curiosidades, lutas, conquistas, pois o racismo, a colonialidade afeta profundamente nossas subjetividades, desde o ser-tão que nos tece. A afirmação de si é afirmação de todas as nossas ancestrais... de quem já veio, de quem aqui está e de quem virá. Afinal, *nossos passos vêm de longe*. Desse modo, temos responsabilidade em contribuir para os processos de descolonização, assim,

para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidas em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. [...] a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar, nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. [...] a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, pp. 36-37).

Portanto, é fundante trabalharmos metodologias, currículos, referenciais afro para que possamos despertar ancestralidades adormecidas, encantamentos silenciados, calados... Desse modo, faz-se necessário que nossas escritas, nossas pesquisas, nossas



leituras estejam impregnados de vida, de axé, de luta, nossas teorias gritam, choram, dançam, flertam, seduzem, cantam e encantam... somos de corpo inteiro, nosso corpo fala, nossos textos são escritas de nossos corpos, nossas pesquisas são tecidas por nossas experiências e saberes... Escrevivências.

É fundamental unirmos nossas forças para nos curarmos, potencializarmos cada vez mais nossos modos de ser e estar no mundo. Nos encantarmos! Mesmo diante de tantas dores, negações, agressões, nossa ancestralidade não deixa o encantamento acabar, mas é necessário ouvirmos essa ancestralidade que há nós... E em mim, minhas ancestrais têm transformado o desencantamento do mundo em potência para viver, ser, criar, encantar, encantar-se... Sem encantamento eu não sou, portanto, insisto, resisto, busco potencializar o feminino insurgente que há em mim! O feminino que há em nós é o que permite o transfor-A-MAR ser resistência tecida por nossa espiritualidade, por nossa ancestralidade.

Apesar das acontecências do banzo

Conceição Evaristo⁴

Apesar das acontecências do banzo
há de nos restar a crença
na precisão de viver
e a sábia leitura
das entre-falhas da linha-vida

Apesar de...
uma fé há de nos afiançar
de que, mesmo estando nós
entre rochas, não haverá pedra
a nos entupir o caminho.

Das acontecências do banzo
A pesar sobre nós,
Há de nos aprumar a coragem.
Murros em ponta de faca (valem)
afiam os nossos desejos
neutralizando o corte da lâmina.

Das acontecências do banzo
brotará em nós o abraço à vida
e seguiremos nossas rotas
de sal e mel
por entre Salmos, Axés e Aleluias

⁴ EVARISTO, 2017, pp. 119-120.



TESSITURAS ANCESTRAIS FEMININAS: NATUREZA E TEMPO

Desde o pensamento africano, afrorreferenciado, existimos de corpo inteiro, somos parte da natureza, só existimos em relação com o que existe no mundo, assim, só é possível pensar de corpo inteiro, o cognitivo e sensorial, razão e emoção. Pluralidades de sentidos das nossas vivências, das nossas escrevivências, das nossas ações pedagógicas, das pretagogias, dos referenciais teóricos e metodológicos afrorreferenciados, das filosofias africanas, das filosofias da ancestralidade e do encantamento... Pois, como nos diz Vanda Machado (2013, p. 52):

o pensamento africano não separa, não hierarquiza. Corpo, membro, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicação reduzida, a categoria que fragmenta sentido.

As filosofias africanas, da ancestralidade e do encantamento são tecidas, bordadas por seres vivos em todas as suas dimensões, seres integrais, engajadas com uma liberdade concreta, com justiça. Corpo, mente e espírito! Somos seres de sentidos, sensações, percepções, afetos! Vanda Machado mostra que o fazer / saber é compreendido na experiência, no afetar-se, no desenho tecido desde o conhecimento, a vida e a poiésis de encantamento... somos conhecimento oriundo da arte de viver, do viver a arte, do celebrar a vida. Pois,

A herança cultural, o conjunto de saberes, o mito, o canto, a dança, os provérbios, as diversas narrativas vivenciadas ampliam a percepção que ajuda a compreender a vida em sua interdependência como um enredo que permite dar significados a todos os acontecimentos do mundo em todos os tempos. Este é o sentido que transpassa da história para a solidariedade (MACHADO, 2013, p. 43).

Por isso é fundante escrever, contar, filosofar desde nossas histórias. Escrevivências, pois cada palavra é cheia de sentidos, “é um jeito de encantar, a palavra não é só um jeito de se comunicar, a palavra é encanto, tem vida, tem uma liga”, como Vanda Machado me ensinou em uma com-versa na sua cozinha, em sua casa localizada em Salvador, em 27 de Setembro de 2017. É com a palavra que se educa, que se aprende, que se expressa, que se diz, que se faz. A ancestralidade nos ensina que “tudo está no presente. Todo ensinamento pela história está no presente para ser entregue em forma de vivências” (MACHADO, 2013, p. 66), ou seja, todo ensinamento é processo formativo. Isso implica que a ancestralidade se atualiza continuamente na própria vivência, na



experiência, na formação pessoal que se faz no coletivo. É o saber, viver, experienciar, fazer. Sandra Petit (2015, p. 123) nos diz que:

na tradição oral africana existe uma relação íntima entre palavra e o fazer, como explica Vansina (1982, p. 157): “quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. Os Dogon sem dúvida expressaram esse nominalismo da forma mais evidente; nos rituais constatamos em toda parte que o nome é a coisa, e que ‘dizer’ é ‘fazer’”.

Nessa perspectiva do dizer é fazer, do viver como ação contínua do pensamento, percebemos a relação outra de nossa existência, de nosso ser desde um tempo outro e uma percepção outra da natureza. Sermos de corpo inteiro é ser numa relação intrínseca com a natureza e o tempo tecido pela ancestralidade.

A natureza é o que nos borda, o que nos permite ser, viver. Sem ela não somos, não criamos. Ela é a própria vida, movimento da existência. A natureza é a ancestralidade que habita em nós e que nos permite ser, como Makota Valdina Pinto ensina:

Ancestralidade pra mim é tudo o que veio antes de mim. Então, a natureza é a minha ancestralidade. [...] E a natureza não foi o [ser humano] que fez, [ser humano] veio depois que toda a natureza foi criada pra dar boa intenção de vida pro [ser humano]. Então, a minha ancestralidade é toda a natureza que foi criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo. [...] Minha ancestralidade é a natureza. (PINTO, 2017, fonte oral).

A natureza é fonte para nosso caminhar, nosso viver. Para nós que estamos encruzilhadas com o pensamento africano, afrorreferenciado, a terra é o nosso alimento, é fonte. Na relação íntima com a natureza podemos “aprender/partilhar/ensinar através de experiências condizentes com as referências de matriz africana e as expressões da cultura na diáspora”, nos diz Kellynia Alves (2015, p. 38). Desse modo, possibilita-se “uma proposta educativa que seja transmitida pelo corpo, pela ancestralidade, pela cultura, pela estética africana e pela tradição oral” (Idem).

Dona Toinha, mulher negra, quilombola, liderança da comunidade Água Preta (Tururu – CE), diz que a natureza:

É tudo. Primeiro Deus, segundo a natureza. [...] Natureza é vida mesmo, [...] é tudo o que a gente precisa para viver, sem a natureza a gente não consegue... tem o ar que respiramos, tem a água que vem da terra, as plantas, as plantas medicinais que a gente usa para fazer remédio. [...] tudo meu era remédio caseiro [...] e eu aconselho as pessoas também a usarem remédios caseiros. (2010, fonte oral)



A natureza é a ancestralidade em nós, o feminino criando, possibilitando a vida. A natureza representa os saberes ancestrais femininos! Nossos corpos expressam o tempo da natureza, pois o tempo ancestral é o tempo da natureza. Makota Valdina Pinto (2010, fonte oral), nos ensina que:

O tempo para a cultura banto, a cultura do Congo, é muito profundo, porque a formação de tudo, eles imaginam que muito tempo passou. O tempo teve um tempo que não foi o nosso tempo, o tempo do humano, que é a ancestralidade. Quando a gente fala, usando a linguagem mais conhecida, que orixá é ancestral, o Inquice é ancestral, Vodun é ancestral, é porque eles vieram antes. [...] Porque a natureza veio antes do ser humano, quando surgiu o protótipo do ser humano.

O tempo é o espaço onde somos, de onde viemos, tempo é chão. O tempo é a natureza que nos tece, nos borda. O tempo é o antes, o agora, o depois:

A gente é resultado de toda essa natureza criada antes e que a gente encontrou. E esse tempo é um tempo que a gente não dá conta, a gente especula, a gente cria, as várias culturas criam histórias, se cria lendas para falar desse tempo, mas ninguém tava lá para saber, então, tudo é história, criada. Mas, é um tempo que é hoje também. Ai é que tá, que é o x da questão. Esse tempo ancestral é o tempo de hoje também, se a gente vive porque a gente precisa até do vento, que é o tempo, que é tempo, não o tempo, mas que é tempo... Tempo é vento, vento é tempo. Quem é que não precisa do vento? Quem é que vive sem respirar? Ninguém... (Idem).

Não existimos fora da natureza, não somos sem o tempo. Somos espaços e potência de vida. O tempo conduz nossas andanças, encruzilhando encontros / encantos. O tempo é como uma mágica, é a relação com o mistério como disse, em uma com-versa na cozinha, Dona Toinha (17 de Agosto de 2019): “Tem coisas que só o tempo para explicar. Sem palavras. Mas a gente acaba entendendo”.

Na mulher, o tempo...

Conceição Evaristo⁵

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre

⁵ EVARISTO, 2017, pp. 38-40.



o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.
Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
Salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

E viu nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvores nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.

E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

DESCOLONIZAÇÃO DO SER-TÃO QUE HÁ EM NÓS: IN-CONCLUSÕES

A reinvenção da vida tecida pela ancestralidade e potencializada pelo encantamento é delineada pela ética do cuidado, pois é necessário cuidar de si mesma e



de quem está a nossa volta, é o cuidar comunitário, alimentar o *ntu*, ou seja, nossa força vital que só é no coletivo. Esse cuidado é perpassado pela natureza e pelo tempo ancestral.

A vida desde a cosmopercepção africana é delineada pelo coletivo, onde “o ato de educar passa pela experiência de preparar a construção de outra geração e a construção de cada um[a] em particular” (MACHADO, 2013, p. 22). Um viver coletivo onde a comunidade na qual estamos inseridas é o lugar que alimenta nossa existência, é “o espírito, a luz-guia [...], é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras” (SOMÉ, 2003, p. 35), é onde “as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros” (Idem). Fonte de força, alimento do espírito, das nossas energias, pois “...enquanto nos preparamos para a nossa reexistência negra, somos confortados pelo pulsar do coração da mãe comunidade” (MACHADO, 2013, p.115).

Desse modo, descolonizar o *ser-tão* que há em nós é falar desde os sentidos, as energias que tecem nosso existir, nossas escrivências, compreendendo o conhecimento como gestado e parido por nossas experiências, trajetórias, histórias, vivências, assim, é necessário mergulhar em nossos corações, nossas emoções e ouvir seu ritmo (SOMÉ, 2003) para nos fortalecer, para descolonizar o *ser-tão*.

É sabido que a força das mulheres africanas, das mulheres negras, perpassa o tempo e o espaço, uma força presente no cotidiano, no nosso falar, dançar, cantar, ouvir, fazer, em nosso paladar, nas religiões de matriz africana, no nosso modo de acolher, de ser. Para a moçambicana Paulina Chiziane (2016, p. 08), a mulher é comparada à terra “porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra”. A mulher negra enraizou o “ensinamento da ética do cuidado” (CARNEIRO, 2006, p. 35) em nosso solo. Entretanto, é fundante demarcar que o cuidado aqui não é negação de si, abnegação, renúncia, mas um cuidado demarcado por luta, por força, pela maternidade entranhada mesmo em quem nunca pariu, pelo deixar-se chorar para que a dor traga força, ensine, fortaleça... Sueli Carneiro (2018, p. 112) nos diz:

Fomos educadas para cuidar dos outros, de nossos companheiros, de nossos filhos, de nossos pais. Durante séculos a obrigatoriedade desses cuidados foram fatores de opressão. Mas de dentro dessa opressão desenvolvemos um forte sentimento de compaixão que nos permite hoje cuidar do mundo, reeducá-lo sem dor e sem opressão.



É assim “a luta da mulher negra para participar, ter voz e vez, enfim, exercer em toda a plenitude o seu direito à cidadania, sem deixar de se dizer e se ver conforme suas tradições” (THEODORO, 1996, p. 132), seu jeito de ser / estar / sentir o mundo, compartilhando sua potência de ser-tão. Potência feminina! Sueli Carneiro (2018, p. 112) diz: “compartilhar é um verbo que as mulheres conjugam em maior escala do que os homens... Tempo ancestral feminino, de potência criativa: “Aprendemos a administrar a escassez e como Cristo temos multiplicado o pão em nossas mesas. [...] Com isso aprendemos sobre solidariedade e fraternidade. Contribuições que temos a dar a um Tempo Feminino”. (Idem). Nos reeducamos, reeducamos pessoas negras e brancas, assim como de outros pertencimentos étnico-raciais (GOMES, 2018).

Somos resultado de vários elementos, de uma interação constante com a natureza, com os seres vivos e não vivos, com o tempo ancestral, portanto, “compreender o pensamento africano passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos cósmicos”. (MACHADO, 2013, p. 101). Somos parte do todo e o todo de uma parte, estamos interligadas, somos parte de uma grande teia!

O encontro com a filosofia africana, e assim com as filosofias da ancestralidade e do encantamento, fortalece diariamente a compreensão de que estamos em constante aprendizado e somos eternas aprendizes, pois o conhecimento é fruto dos acontecimentos e esses dos movimentos e não há vida sem movimento. É importante inter-PRETAR o cotidiano, o que está à nossa volta, os discursos, os contextos, os acontecimentos e ver as possibilidades de insurgir e transformar... transfor-A-MAR! Transfor-A-MAR é um ato de resistência e espiritualidade! Em tempos tão desumanos, amar é um ato de resistência, de re-existência. Amar como potência para a vida, empatia, amor ancestral, encantado, implicado com o bem-viver, com as pessoas, com a humanidade, com a natureza!

Somos a continuidade de uma “força majestosa”, como afrodescendentes recebemos “uma herança de feminilidade que, desde o início, nunca foi definida pelos atributos subjetivos de pureza, fragilidade e vulnerabilidade (ou seja, dependência), mas sempre pela autodeterminação orientada para a ação” (BANKOLE, 2009, p. 274). Somos frutos de um legado de força e “essa história persistente preenche volumes e está contida



na sabedoria atemporal dos provérbios, adágios, assim como na filosofia de nossas avós” (Idem).

O feminino está em tudo, em todos os lugares, ele é a possibilidade de criar, de nascer, é escuta, sensibilidade, motor da existência, inclusive, do próprio mundo, somos resistência, re-existência! O feminino é a energia do encantamento, pois é quem permite o existir com ética, amorosidade, cuidado, numa relação contínua com o Outro, com a natureza, é o que dá vida, permite a vida, dá sentido, assim, é a ancestralidade perpassando e criando sentidos, encantando. Implicação, resistência, cuidado, encanto... Assim, vamos bordar propostas de descolonização potencializando o feminino que há em nós.

A vida é um ato de encantamento, de reflexão e luta por nossa própria humanidade, portanto, voltar-se para nossas histórias, contadas desde nós mesmas, desde nossas ancestralidades e vivências de nossos saberes é ressignificar e potencializar nossa existência negada, valorizando e potencializando a vida desde nossos corpos. Insurgências próprias de corpos que carregam toda uma linhagem, corpos-templos ancestrais, encantados. Portanto, ao nos encantarmos, não abrimos mão de compreender, aprender e apreender desde as diversidades, desde as encruzilhadas, desde nossos corpos, nossos saberes diversos, múltiplos, plurais. Pois nossas identidades são históricas, políticas, culturais, comunitárias... experienciadas.

São os saberes ancestrais femininos que tecem o encanto pela vida em comunidade, o feminino é o útero do mundo, a potência da vida comunitária. O encantamento é coletivo, ancestral. E é esse encantamento tecido pela ancestralidade que potencializa a filosofia africana na ação contínua da descolonização do ser-tão que tece nossa existência.

E u - M u l h e r

Conceição Evaristo⁶

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.

⁶ EVARISTO, 2017, p. 23.



Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Kellynia Farias. *Resistência Negra no Círculo de Cultura Sociopoético: pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no projoovem urbano*. Dissertação (mestrado) em Educação. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2015. 159f.

BANKOE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos Passos Vêm de Longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

CHIZIANE, Paulina. *Não haverá filosofia africana a partir de um livro da Europa*, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-havera-filosofia-africana-partir-de-um-livro-da-europa/>.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “O que nós conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem”. Entrevista Concedida a Kamille Viola. Revista *Marie Claire*, Maio de 2018. <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passage.html> . Acesso em 26 de maio de 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.



GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/642>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; C.WHITE Evelyn (Orgs). Traduzido por Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

LIMA, Aidil Araújo. *Mulheres Sagradas*. Cachoeira – Ba, Portuário Atelier Editorial, 2017.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento*. Número Especial “Filosofia Africana: pertencimento, resistência e educação”: *Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2 (2019)*, p. 56-75.

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. *Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias*. VI Enecult, encontro de estudos multidisciplinares em culturas. Facom-UFBA – Salvador / Bahia / Brasil. 25 a 27 de Maio de 2010.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. In: *Revista eonline*, postado em 18 de Julho de 2019. Visitado em 08 de Agosto de 2019. Vide: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral – Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/2003*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. SP: Odysseus Editora, 2003.

SOMÉ, Sobonfu. *Aceitar a dor: Quando banhar-se em lágrimas cura as feridas mais profundas*. Texto foi publicado em *Africaneando*. Revista de actualidade y experiencias, nº. 09, 2012. www.oozebap.org/africaneando. Tradução de Aline Matos da Rocha, março de 2014. Acesso em Outubro de 2014.

THEODORO, Helena. *Mito e Espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996. WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. 2009.

FONTES ORAIS

DONA TOINHA. COM-VERSAS. Entrevista realizada em Água Preta, 17 e 18 de Agosto de 2010.

VANDA MACHADO. COM-VERSAS NA COZINHA. Entrevista (com-versa) realizada em Salvador, 27 de Setembro de 2017.



PINTO, Makota Valdina. *Seja mestre de si.* 2018. Vide: https://www.youtube.com/results?search_query=TPSM_Conexão%7C+Seja+mestre+de+si+-+makota+valdina

PINTO, Makota Valdina. *Ancestralidade.* 2017. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=N9I4diwjRbU>

PINTO, Makota Valdina. *Bença, entrevista com Makota Valdina.* 2010. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=P0ziJx0KWRE>

Recebido 30/11/2019

Aprovado em: 30/01/2020